

ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE
Em Lisboa
Anibal Cruz

Correspondentes em Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro, Póvoa e Lago, Vilarinho, Mataducos, Taboeira, Esgueira, Angeja e Sarrazola (Cacia).

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Fundador: J. J. Nunes da Silva

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Darton

ASSINATURA

Série de 50 números	24\$00
Série de 25 números	12\$00
Estrangeiro; 50 números	50\$00
Colónias	30\$00

Proprietário-Director e Administrador
José Marques Damião

«Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

Não se restituem quaisquer originaes, quer sejam ou não publicados.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—QUINTA DO LOUREIRO (CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

ECOS & NOTÍCIAS

1.º DE DEZEMBRO

Na próxima quarta-feira mais uma vez a bandeira nacional flutuará nos mastros de todos os edificios públicos para comemorar a Independência de Portugal.

A tragédia ocorrida no dia 1 de Dezembro de 1640, em pleno Terreiro do Paço, foi apenas a legítima explosão dos direitos de um povo, durante sessenta anos subjugados à tirania estrangeira. A opressão fermentara o ódio contra o regimen, e esse ódio, porque era nobre e justo, porque tinha acima de tudo a razão e o sentimento da Pátria, fructificou, enfim, na árvore da liberdade, embora para colheita dos seus frutos sublimes fôsse indispensável recorrer à violência.

Miguel de Vasconcelos, o português indigno deste nome, que, misero serventário dos usurpadores, exercia sobre os seus próprios compatriotas os maiores vexames, a pressão mais hedionda e revoltante, não podia, é claro, deixar de receber justo castigo da sua torpeza, naquele erguer assombroso da onda popular, que excedia enfim os acanhados limites do seu alveo, a que a tinham algemado, e se espraivava de fronteira a fronteira na manifestação exultante do seu querer.

Tal era a afronta que esse traidor fizera à Pátria, que os conjurados, representantes directos da vontade nacional não poderam poupá-lo à morte e ao opróbrio. O povo que enluta o Terreiro, ao vê-lo cair no solo, esqueceu que tinha diante de si um cadáver e cuspiu sobre ele todas as exclamações que a sua indignação lhe ditava.

O leão popular, no momento em que partia para sempre as grades do seu cárcere de quasi um século, saciava-se de justiça na pessoa daquele que entregara ao estrangeiro coroadado a chave do mesmo cárcere.

Recordando a memória dos patriotas de 1640, a nossa homenagem é:
—Viva Portugal!

INCÊNDIO EM COIMBRA

Na madrugada do dia 18 um incêndio destruiu o andar superior do edificio do Governo Civil de Coimbra, causando grandes prejuizos nos arquivos de algumas repartições públicas ali instaladas.

Supõe-se que o fogo teve origem numa falha ou em cinzas mal extintas dum dos fogões de aquecimento.

Os prejuizos estão calculados em centenas de milhares de escudos e perderam-se muitos documentos de grande importância.

Eng. Duarte Pacheco

A morte do sr. Engenheiro Duarte Pacheco consternou profundamente o País inteiro. Já pelas circunstâncias que lhe deu causa, mas também por desaparecer um homem de envergadura, um ministro de inteligência incomparável para as realizações necessárias do momento actual.

O ministério do Doutor Oliveira Salazar perdeu um dos seus melhores cooperadores.

A sua obra de vulto e de acção está patente aos olhos dos portugueses.

Tão vasta e grandiosa é, que se reflecte até nas pequenas aldeias aonde nunca chegavam os olhares providenciais dos poderes públicos. Nem só abriu e edificou importantes bairros em Lisboa e em outras cidades, a sua obra colossal rasgou e melhorou estradas, construiu e reparou pontes; tratou do saneamento e do abastecimento de água a muitas cidades, vilas, etc., restaurou castelos e monumentos e realizou tantos outros melhoramentos por esse País fora.

A nossa região deve-lhe o melhoramento da construção da importante ponte de cimento armado sobre o rio Vouga, que liga Cacia a Angeja, obra que o illustre extinto veio inaugurar e que é sem dúvida uma ponte modelar.

A cidade de Aveiro ainda há poucos dias lhe atribuiu uma verba para a realização de obras no abastecimento de águas.

A morte do sr. Engenheiro Duarte Pacheco foi, pois, bastante sentida, porque Portugal muito perdeu com esse triste desenlace.

Sobre a carreira política do saudável Engenheiro Duarte Pacheco, recortamos do «Diário de Notícias» estas curiosas notas: «... surge o ministério José Vicente de Freitas. No dia 19 de Abril de 1928 tomam posse os novos membros do Governo. O presidente do ministério entra no gabinete do titular da pasta da Instrução e, em poucas palavras, apresenta o novo ministério:

—Tenho muito gosto em dar posse da pasta da Instrução a um homem novo que por interessante coincidência completa hoje 29 anos de idade. Este acto corresponde, pois, a uma festa de aniversário...»

E aludindo às qualidades de «actividade, energia e decisão» do novo ministro pronunciou este nome—Duarte Pacheco.

Toda a apparencia é, na verdade, dum jovem. Nem um cabelo branco.

—Nunca fui político nem conspirador. Sou republicano desde os bancos da escola e hei-de empregar os meus esforços por prestigiar a República dentro do sentido da Ditadura.

Calta-se por momentos. Esboça o seu plano de trabalho e termina:

—Serei implacável e intransigente na execução das medidas que adoptar.

E numa grandiosa mas breve vida pública, sacudido de alarmes e repercussões, intensa de acontecimentos, vibrante de vigor e de dinamismo, superior de visão extraordinária —começa.

Parte para Coimbra na mesma semana. É ele, o homem novo do Ministério, que convida, em nome do Governo e dos interesses da Nação, Salazar para sobraçar a pasta das Finanças. Até que ponto teria influido a presença daquele moço tão animado de esforço e de ansiedade de ser útil ao seu país na decisão do catedrático de Coimbra, que viria, finalmente, a tomar posse duas semanas depois?

Em 10 de Novembro do mesmo ano deixou o poder e regressou ao seu instituto.

Quatro anos passam.

Em 5 de Julho de 1932 toma posse o primeiro Governo presidido pelo sr. dr. Oliveira Salazar. Aparece um Ministério novo:—o das Obras Públicas e Comunicações. Salazar escolheu para ele o professor de matemáticas gerais com quem conversava demoradamente, em Coimbra, naqueles dias de 1928 em que «foi obri-

gado a abandonar o sacerdotio do ensino e a tomar por caminhos difíceis uma cruz mais pesada».

Duarte Pacheco desempenha aquelas funções até Janeiro de 1936. Durante esse tempo o estadista revela-se completamente. O jovem director do Instituto Superior Técnico é ainda um homem bastante novo. Mas embranqueceu precocemente. A sua energia é, porém, a mesma. A sua fé ardente de servidor do País continuou firme e decidida. O seu nome conquistou mais amplos horizontes. A sua tenacidade já está largamente documentada em todo o território nacional com muitas e muitas obras de vulto. No interregno curto da sua acção governativa preside à Câmara Municipal de Lisboa. Algumas palavras se veras nessa altura:

«—Conheço, por experiência, o prémio de amarguras que colhe o esforço honesto e desinteressado. Não serão a vaidade nem o desejo de praticar actos heróicos os estímulos para a minha actividade. Procurarei servir a cidade e o Governo. Mais nada».

Poucos meses depois, no entanto, volta à pasta das Obras Públicas. E diz:

—O meu regresso parece ter o significado—pelo menos tem-no para mim—de veredito da Nação à obra que iniciéi neste Ministério. Aqui servi, devotadamente, aos meus concidadãos, aqui queimei anos de vida que contam por muitas vezes os de trabalho. Aqui me fiz quasi um velho. E quantos sofrimentos e quantas amarguras colhi!... Mas um homem público verdadeiramente digno dêsse nome e verdadeiramente amante da sua Pátria, só pode, só deve ter um desígnio—servi-la em tudo, em todos os lugares e em todos os momentos.

Desde então—25 de Maio de 1938—o engenheiro Duarte Pacheco prosseguiu naquela pasta a tarefa que lhe haviam profectizado:—escrever história com as suas obras, servindo sempre ardorosamente o seu país.

ECOS & NOTÍCIAS

AMPLIAÇÃO NAS GARES DO APEADEIRO DE CACIA

São 65 metros de comprimento para o lado da Marinha Baixa, a ampliação das gares do nosso apeadeiro, que já andam em obras desde a última semana.

Este melhoramento, bem beneficiar os passageiros que utilizam os combóios em Cacia. Era realmente uma grande necessidade, pois quasi todas as vezes os combóios param a 3.ª classe para baixo do fim da antiga gare, dando ocasião a que muitos passageiros se vissem à rasca para subirem e descerem, além de ficarem, como nos tem sucedido, com o calçado e roupa suja com nódoas de óleo dos fios dos discos. E quantos lá não tem rasgado roupa e dados alguns trambolhões?

Que a Companhia dos Caminhos de Ferro, não esqueça os outros melhoramentos, tão necessários como este, a iluminação eléctrica nas gares e nos aposentos do apeadeiro e uma marquise do lado sul para resguardar as intempéries da época em que estamos a entrar.

MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

Para exercer o cargo de ministro interino das Obras Públicas e Comunicações foi nomeado o sr. Dr. Costa Leite (Lumbralles), ministro das Finanças.

PARECE ANEDOTA

—Meu pai: Eu desejava ter um lugar alto.
—Bem, meu filho. Serás aviador.

GERAÇÃO DE SACRIFÍCIO

«Há uma geração sacrificada ao futuro da Pátria—a nossa geração»
SALAZAR.

Provérbios e

dizeres do povo

«Nem tudo que luz é ouro»,
No rifão verdade existe;
Julguei-te firme e sincera
E tão falsa me saiste.

«Muito se engana quem julga»,
Mas nem todas são iguais;
Pois sempre tenho pensado
Que estavas por mim mortinha.

«Gota a gota o mar se esgota»,
Mas nem todas são iguais;
Tantas saem de meus olhos,
E cada vez deitam mais.

«As paredes têm ouvidos»,
Men amor não fales alto,
Se sabem nossos segredos,
Pões todos em sobressalto.

CARLOS FERNANDES.

RABISCOS

A Pátria está de luto

Crónica da capital

REMOQUES

A Torre de Belém

Seja qual fôr o cambiante de luz a que a vejamos nos cativos da solidez e a esbalteza do seu porte. Fundada na água, como no-la conta Damião de Góis, há muito já que pelo assoreamento do rio naquele passo do seu curso a areia alastrou à volta dela, interpondo-se entre a vilharia do baluarte e a corrente azul em cujo seio baloiçaram as caravelas e as náus que vinham partir para os azares da guerra longínqua e a angustia de procelas e naufrágios. Mas, liberta da visinhança sacrilega, que por algumas dezenas de anos dir-se-ia um insulto às glórias que rememora, a Torre de Belém continua a ser o que foi de nascença: — o padrão por excelência e, no seu género, de uma singularidade surpreendente, dos nossos factos militares e marítimos mais radiosos.

Não há no mundo fortaleza que, como esta, não seja também uma obra de arte. E depois dos Jerónimos, ela constitui, sem dúvida nenhuma, o mais sugestivo dos monumentos da capital portuguesa e uma das criações mais luminosas da arquitectura.

Lisboa revê nesta reliquia das grandezas passadas, um precioso obsequio da adversidade e um salvado inestimável da insónia das graças. poupou-a o flagelo involidável. Nem os homens contem-na consporcado, ousaram profaná-la, mutilando-a ou derruindo-a.

Deve-lhes porventura a bárbara tentação, a muda eloquência humanidade contida e expressa nas pedras. Com as suas ogivas, as suas cúpulas e atalâias, seus balcões e varandins, suas cruzes evocativas, o emblemático atavio dos seus calabres, a ameadada prôa do baluarte que a expressão petrificada do sonho épico de que história trágica marítima veio a ser versão atormentada, a Torre de Belém é duplamente sacrosanta pela sua expressão moral, como immaculada estalactite formada à beira do mar pela consagração misteriosa de tôdas as lágrimas de saudade, de ternura, de consternação e de entusiasmo, choradas por um povo de embarcações; sacrosanta na sua forma artística como aqueles dos monumentos de Portugal em que o génio lusitano da Renascença mais expressivamente nos revela.

Belo pela nobreza da sua traça e a rendilhada delicadeza da sua pormenização, ela é, sobretudo, bela para quem a veja ao clarão lunar da sua significação histórica.

Os monumentos têm uma alma e dela promanam o feitiço da sua beleza e o sortilégio que lhe aviventa a avaliação sob o pó dos séculos.

Paupérrima de monumentos que, trabalhados pela corrosão das chuvas e do tempo,

Morreu o Engenheiro Duarte Pacheco, Ministro das Obras Públicas e Comunicações. Um desastre brutal, arrebatou-o à Pátria, em plena actividade e quando, precisamente, exercia as suas funções. Morreu, por isso, no seu posto. Até a morte o encontrou a trabalhar, a êle para quem tudo era acção, trabalho, vontade de beneficiar a Pátria, remoçá-la em todos os aspectos; a êle, que era o maior animador da obra de renovação material da Revolução. Caiu no cumprimento do dever. O homem para quem não havia fadigas, que possuía o segredo de vencer todos os obstáculos, desaparece inesperadamente da vida portuguesa, no momento em que a sua obra era coroada por aquilo a que pode chamar-se um grande testamento político — o Decreto que prevê a urbanização de todos os agregados populacionais do País.

A Nação sará as suas feridas através de uma obra parcelar e ordenada. Entrará no trilho seguro dos rumos imperiais, definidos na doutrina de Salazar, objectivados na acção do Engenheiro Duarte Pacheco.

Reparadas e construídas inúmeras vias de comunicação, apetrechados os portos, restaurados os monumentos, melhorados os serviços postais, impulsionada a rádio-difusão — o Ministro cuja obra chegara a tôdas as cidades, vilas e aldeias — olhou o plano geral da urbanização do país, cúpula grandiosa da sua obra, justo título de glória do seu esforço. Tanta empresa não poderá o tempo demolir-la. O nome do seu autor entrou nos umbrais da História para figurar ao lado dos grandes construtores de Império, dos grandes da Pátria. As suas realizações materiais — desde o Instituto Superior Técnico, a Auto-Estrada, a Estrada marginal, o Estádio Nacional, a Exposição do Mundo Portu-

guês, a Cidade Universitária de Coimbra, até aos melhoramentos rurais, que levaram a presença revolucionária às mais pequenas aldeias do país — falarão pelos séculos fora, deste grande obreiro da Revolução Nacional, ensinando às gerações vindouras os caminhos construtivos do futuro.

Resolvido o problema do desemprego, neutralizados os efeitos do ciclone de 1941, levantada tôda essa obra que se vê e se sente na vida portuguesa — projectando-a em mais largos horizontes e espelhando-a por todo o mundo — dela se pode concluir que o homem interpretou superiormente a doutrina, transplantando para o campo das realizações materiais os seus princípios de ordem política, dando à nação um apetrechamento indispensável à sua vida e impondo-lhe uma admiração incondicional e espontânea por tão gigantesco empreendimento.

O exemplo da larga visão deste português, os caminhos e escolas que abriu, o património histórico que reparou, o turismo que valorizou, o pão e trabalho que deu a tantos milhares de homens, numa palavra, a doutrina que animou e serviu, constituem uma eloquente lição a seguir pelos portugueses, desde as equipas de técnicos que descobriu, a todos os que comungam a ideia do ressurgimento pátrio.

Portugal está de luto. À galeria dos Graudes que constituíam este nome eterno, outro se foi juntar — o Engenheiro Duarte Pacheco. Que a sua mocidade, a sua ânsia de melhor, a sua sede insaciável de acção, de vida, sejam lema e guia dos que herdaram as responsabilidades da continuidade da obra revolucionária, de todos os que velam pelo engrandecimento de Portugal.

ergam a nossos olhos a visão patética ou emaladora da sua existência multissecular, Lisboa, ao fitar esta jóia, alonga no passado a saudade de que está cheia. Aquelas pedras são um grito que não morre.

Se qualquer variante da luz ela não fosse formosa, sê-lo-ia vista assim, na projecção da grande época. Foque-a o doirado hábito matinal; morda-a, flamejando, a bôca vermelha do Sol a pino; envolva-a, com doçura duma noção, o dolorido adeus da tarde expirante, opalesca na penumbra ou na claridade, sempre a Torre de Belém será impressiva aos olhos dos portugueses. Dorme ali os ecos dos grandes dias da Pátria e o murmúrio dos prantos inesquecíveis.

Lx.ª 11-XI-943

Alexandre Lima

Noticias de Azurva

Chegadas.—Vindo de Lisboa, onde é caixeiro de padaria, chegou a casa de seu pai há dias o nosso amigo sr. Jaime da Silva Carvalho, que cá vem estar uns dias de repouso das suas lides.

—Chegou de Lisboa após a estada lá de uns dias em visita a seu irmão, a sr.ª Maria Jeltosa, esposa do nosso amigo sr. Viçoso, proprietário local.

Visita.—Em visita a sua família, esteve neste lugar na última segunda-feira o nosso patrio sr. Manuel Figueira de Carvalho, soldado da G. N. R. em Águeda.

Compriméntamo-lo.

Retirada.—Acompanhada de sua filha, retirou-se para Lisboa na última semana a sr.ª Glória Rocha de Almeida.

Anos.—No dia 22 do corrente fez 14 anos o menino António Gonçalves de Almeida, filho do nosso amigo sr. Amadeu Gonçalves da Cruz e de sua esposa sr.ª Ana de Almeida, deste lugar.

Muitos parabéns.—C.

«A filha do Senhor Conde»

A filha do Senhor Conde era cortejada por tôda a gente. Sempre que comprava um camarote para a soirée do Trindade e colocava o binóculo para ver melhor os artistas, o Dr. Meneses, figura de boémio e conquistador, assitava também no ólio o monóculo refilão, fazendo por cair em graça e dar à sua figura a importância dum snob. Envergando paletot fino e mostrando no bolso de peito do casaco a ponta dum bom cachimbo d'ebano que lhe oferecera o ano passado, no Estoril, a última amante, o Dr. Meneses fixou, no princípio, os olhares nela e esteve assim até cair o pano no derradeiro acto. De vez em vez, um gesto, um sorriso. Arrancar-lhe uma palavrinha só que fôsse era quasi um impossível. Vagarosamente, os espectadores iam deixando a sala. O Dr. Meneses antecipou-se e esperou no atrio. Ela desceu e saiu. Naquele dia, a conquista limitára-se àquilo.

Há um mês, aproximadamente, viajou eu na linha do Estoril. A falta de lugares, o revisor avisou-me que passasse para a carruagem da frente de 2.ª classe. Instalo-me o melhor que me é possível. Depois de Algés, levantei-me. Corri a carruagem, de ponta a ponta e quando me dispunha a voltar para me sentar novamente, eis que o Dr. Meneses me aparece inesperadamente. Fiz-lhe uma vénia a que êle quiz corresponder com um aperto de mão e um sorriso e convidou-me a segui-lo. Ia ter com a filha do Senhor Conde com quem tinha casado, há pouco.

Mas... Senhor Doutor... — gaguejei. «Poupe-me à maçada de lhe contar a história que começou no teatro. Venha!» O comboio parára no Estoril. Um taxi que ali estacionava transportou-nos a um jardim. Lá dentro, numa casa apalaçada, rica, betia o sol de chapa. Uma janela abriu-se; uma mulher surge por entre os cortinados e clama: «Meu amor!»

Exito na entrada. O Dr. Meneses insiste. Sou quasi indiscreto e entro. A mulher descera ao patamar. Beijam-se. Sou apresentado e introduzido numa sala, onde é servido um chá. Eu olho para o Dr. Meneses e peço-lhe que me conte tôda a história. Ele não quer mas resolve-se.

«A história, meu amigo, que começou como você viu, terminou como eu ambicionava. A filha do Senhor Conde, já não me fuge. É minha esposa.» Dei-lhe os parabéns e retirei-me. Desde aí, o Dr. Meneses obriga-me a ir todos os anos, pelo verão, visitá-lo ao Estoril.

Um caciense alfacinha.

A seguir:

«Grandesas sem significado»

Voltando ao

Roubo na igreja

Houveram umas investigações muito simples. A cobertura do órgão apareceu na igreja como por encanto. O sacristão sr. Manuel Agostinho da Silva foi expulso do cargo que assumia. A Comissão do Culto reuniu no último domingo, não sabemos o que deliberou. Vivemos com os olhos fechados, por isso nada mais podemos dizer.

A cobertura do órgão apareceu, mas os 40 litros de azeite eram precisos para temperar batatas.

Informaremos conforme se fôr desenrolando a fita.

A ocupar o cargo provisório de sacristão, está, muito digno, o sr. Manuel Rodrigues dos Santos, de Sarrazola.

Agora, que se registou o facto bem triste para todo Portugal da morte do sr. engenheiro Duarte Pacheco, seria um caso não só de consciência pelo serviço prestado à região do B.ixo Vouga mas, também, uma obrigação das frêguesias de Cacia e Angej, (atirando de pernas ao ar com as suas turras e birras, quanto a primazias nomenclatorias a dar à ponte sobre o Vouga) darem a essa ponte que das suas mãos nos saiu tão boa e tão linda, o nome de,

Porte Engenheiro Duarte Pacheco.

Valeu?

Diz-nos o sr. Luiz Barradas (Almedina) em artigo bem causticante, da ingratidão da sociedade portuguesa e dos governos monarchicos de então (de 1906 para traz) para com a última condessa de Farrôbo, D. Maria das Dôres Farrôbo, que não morreu só pobremente; morreu na miséria no hospital de S. José, tendo um dos seus antecessores, empestado ao primeiro governo liberal instituído em Portugal, milhares de contos que nunca mais foram restituídos. Eguais casos sem ser o dos condes de Farrôbo se tem dado—e exactamente com iguais epilogos morrer pobremente.

Tristes sociedades; tristes e ingratas.

Como todas as donas de casa se cansam a limpar o pó, tendo este elemento a acabar. Vai daí, uma casa pública de Esqueira, na ideia feliz de se evitar uma tal perda—o pó—resolveu, e muito bem, não só evitar essa perda, mas até, cultivá-lo convenientemente em grande escala; e, assim, é já tal a sua quantidade,—dizem-nos—que «eles» já quasi se pode até comer às colheres!!! Ora ainda bem, que assim é, e parabéns aos administradores da nova industria! Ah! ah! ah!!!

D'zer que, há falta de géneros, é uma grande mentira.

Houve, este ano, é certo, menor quantidade em milho de sequeiro e feijão, é o que é.

Mas, repito: é mentira, dizer que há falta de certos géneros, como por exemplo o arroz; pois, em muitas partes se notou um cheiro bastante forte a mofa em tal artigo. E a brôa também a cheirar a mofa como em várias partes isso se notou, e até uma parente nossa que vive no Porto nos disse que lá, era a mesma coisa. Logo, artigos que cheiram a mofa, é porque estão em sonêgo no armazem, o que, em época de penúria, é um grave crime.

Diz-nos o «Sempre fixe» que, na província, em Gandara, um marolão qualquer, enterrara vivos tres cachorrinhos recém nascidos—e continua assim: «que a cadela mãi, teve de desenterrar já quasi moribundos!» E termina:—«Gostariamos de saber como é feita a alma dum homem daqueles, porque das cadelas já nós sabemos como é». E diz muito bem. A formula «gostariamos de saber», é que não está conforme; pois tanto vós como eu, sabemos muito bem que há homens peores que cães! Se os há!...

Sêca & Meca.

Este número foi visado pela Comissão de Censura à Imprensa de Aveiro.

Carteira Elegante

ANOS

Na passada segunda-feira festejou mais um aniversário natalício a sr.^a D. Edviges da Fonseca Lima, bondosa esposa do nosso estimado colaborador sr. Alexandre Lima, de Lisboa.

—Hoje, 27, colhe 9 primaveras a interessante Rosa Branca Bastos Gomes, filhinha do nosso assinante sr. João de Oliveira Gomes e de sua esposa sr.^a D. Rosa de Oliveira Bastos, funcionários respectivamente na Câmara e Correios, em Ovar.

—Amanhã, dia 28, celebra 6 anos o menino Rogério Moura da Silva, filho do nosso assinante e conceituado industrial de padaria em Alcobaca, sr. Manuel Rodrigues da Silva (Salgueiral) e de sua esposa sr.^a Joana dos Anjos Moura da Silva.

—Passa amanhã mais um aniversário a sr.^a Felismira de Oliveira, esposa do nosso assinante sr. Manuel Bipiasta Ferreira, residentes em: Taarède (Figueira da Fóz).

—Ainda amanhã, passa mais um aniversário a sr.^a Angelina de Vasconcelos Carvalho, esposa do nosso solícito colaborador sr. Augusto António de Carvalho, de Esgueira.

—Na próxima segunda-feira, festeja 11 anos o menino Orlando Borges Rodrigues Branco, filho do caciense nosso assinante e benquista industrial de padaria na capital, sr. António Rodrigues Branco e de sua esposa sr.^a D. Rosa Maria Borges.

—No mesmo dia, faz 28 anos a sr.^a Judith Ferreira Gonçalves, esposa do nosso assinante sr. Raúl Ferreira Couto, de Angeja e residentes na capital.

—Ainda na segunda-feira, faz 21 anos o nosso amigo sr. Silvino da Costa, militar em Lisboa.

—No dia 2 de Dezembro faz 34 anos o nosso assinante sr. António Lopes de Oliveira, estimado industrial de padaria em Lisboa e natural de Vilarinho.

Aos aniversariantes enviamos muitos parabéns.

VISITAS

Em Cacia, estiveram visitando suas famílias na última semana os nossos amigos srs. José Maria da Silva Matos Júnior e seu primo João Maria da Silva Matos, empregados de padaria em Paços de Brandão.

RETIRADAS

Para Lisboa, onde se foi juntar a seu marido, nosso assinante sr. Agostinho Lopes, retirou-se de Cacia a sr.^a Maria Dias de Pinho Lopes, que aqui esteve alguns meses.

NOVOS ASSINANTES

A seu pedido, inscreveu-se assinante do nosso jornal o sr. António Gonçalves Teixeira, de Sarrazola e empregado de padaria em Estarreja.

DOENTES

Com um «panarís» está doente o nosso amigo sr. Caetano Mateus Morgado, lavrador na Agra, de Cacia.

NA REDACÇÃO

Em nossa redacção apresentaram-nos cumprimentos os nossos amigos srs: José Rodrigues Magalhães, de Angeja; Manuel Figueira de Carvalho, soldado da G. N. R. em Águeda; Luiz Pereira Marques, do Fontão, que pagou a sua assinatura; Manuel Rodrigues Simões, Armindo dos Santos Bartolomeu, Rodrigo dos Santos Valente, que pagou a sua assinatura; José Maria Marques Carvalho, que veio apresentar parabéns ao nosso director pela passagem dos seus 59 anos; Manuel Rodrigues Carvalho.

A' Margem da Guerra



Na Campanha da Líbia aparelhos ingleses aprovisionam-se de torpêdos.

De Mataduchos e Alumieira

Entace matrimonial. — Com a solenidade costumada, realizou-se no passado domingo 21 do corrente, na igreja paroquial de Egueira, o enlace matrimonial da simpática e estimada menina Rosa Dias Vieira, com o sr. Manuel Maria Marques, há pouco chegou dos Açores.

Ambos os noivos são naturais de Mataduchos, e ambos eles possuem qualidades de destaque no nosso meio.

Casamento de pura inclinação, e com os predicados de que são dotados, decerto formarão um casal feliz.

Paraninfaram os senhores Manuel Ribeiro Guerra, e D. Maria Emília Marques Nunes.

Fiziam parte do cortejo nupcial 7 luxuosos automóveis com numerosos convidados, que, após a cerimónia religiosa, seguiram para casa dos pais da noiva, junto da qual aguardava os noivos uma verdadeira chuva de flores, que mãos pequeninas, de lindas pequenas, em verdadeiros ziguezagues, delicada e comovidamente lhes lançaram.

Em seguida teve lugar ali um opiparo jantar «verdadero jantar de casamento» onde nada faltou, decorrendo animadíssimo de princípio ao fim, e sendo sempre os noivos bastante felicitados.

Aos ditos noivos, deseji o correspondente cá do «Ecos», um futuro próspero, repleto de felicidades.

De visita. — Cumprimos no passado domingo, neste lugar, o nosso b. m. amigo sr. José Maia da Cunha, estimadíssimo industrial de panificação em Lisboa, que se fazia acompanhar de sua ex.^{ma} esposa e interessante filhinha, em visita a sua família.

Retiradas. — Retiraram já para a capital, deixando-nos a saúde da sua ausencia, os ex.^{mos} senhores: Manuel Maia da Cunha e esposa, Manuel Maria da Maia, José Nunes dos Santos, Tomé Marques da Silva, e José Pereira.

Que sejam muito felizes e tivessem chegado bem, são os nossos votos.

Reparação dos caminhos. — Iniciaram-se no dia 24 do corrente, os serviços de reparação dos nossos caminhos, que principiaram no local do O. ho d'Água, em direcção à passagem de Nivel de Mataduchos, e dali por diante.

Os senhores João Simões da Cunha Dionísio, João Rodrigues da Maia e Francisco Simões da Cunha, foram os primeiros que se apresentaram na manhã do primeiro dia com o seu gado e carro voluntariamente, e neste caso são dignos de registo.

O sr. João Simões da Cunha Dionísio, é incansável no desempenho das suas funções como encarregado dos serviços, dirigindo e trabalhando sem remuneração alguma, tudo pelo engrandecimen-

Notícias de Vilarinho

Retiradas. — Para Lisboa, onde é benquista industrial de padaria, retirou-se daqui com sua esposa, após a estadia de 8 dias, o nosso patricio sr. Domingos Simões da Maia.

—Para a Curia, onde se foi empregar na padaria do seu tio Joaquim, retirou-se o nosso conterrâneo sr. Vitorino Pereira da Costa.

Digressão. — Para Lisboa e outras localidades, seguiram daqui no dia 25 em digressão, o nosso amigo sr. Francisco Afonso Lopes e sua esposa sr.^a Irene Dias de Pinho.

Que regressem cheios das melhores impressões.

Regresso. — Regressou de Lisboa, onde foi passar 4 dias com sua família, o nosso amigo sr. Joaquim Dias Pereira Júnior.

As nossas ruas. — É bradar no deserto, falar na reparação das ruas de Vilarinho, mas as nossas goelas e as dos habitantes desta povoação é que se não cansam de pedir uma coisa que nos é tão precisa como a alimentação. Já não nos recorda ao tempo que andamos pedindo estes serviços, mas não o esqueçamos a todo o momento. — C.

PISTOLA

Vende-se uma boa pistola, marca F. N. quasi nova, devidamente legalizada.

Quem pretender pode dirigir-se a esta redacção. (5)

to da sua terra.

Seguem-se os nomes dos nossos ilustres conterrâneos que já se subscreveram para esses melhoramentos, e as respectivas importâncias oferecidas, assim como a totalidade até agora:

António Moraes	500\$00
António Gomes Gautier	500\$00
José Gomes Gautier	500\$00
Izaias Gomes Gautier	500\$00
Manuel Maia da Cunha	500\$00
Salvador dos S. Barbosa	500\$00
Eduardo A. M. Gomes	150\$00
António Simões Cunha	150\$00
António Gomes Gautier	100\$00
António Marques Pêgo	100\$00
António da Silva Castro	100\$00
Manuel Marques Cunha	100\$00
Silvestre Gonçalves Faria	150\$00
Sebastião dos S. Carvalho	150\$00
Manuel Gomes Gautier	150\$00
Padaria Constantino	100\$00
Padaria S. João, Ld. ^a	300\$00
Barbosa & Enis	200\$00
A Panificadora Ld. ^a	100\$00
António Ferreira de Brito	100\$00
José Gonçalves Faria	150\$00
Manuel Afonso Barbosa	100\$00
Manuel Cunha Ferreira	250\$00
Manuel Pereira Júnior	100\$00
José Marques da Loura	100\$00
5.650\$00	

Continúa — C.

Notícias de Sarrazola

Retiradas. — Após a estadia de 6 meses neste lugar, retirou-se para o Entroncamento onde é benquista industrial de padaria, o nosso amigo sr. António Rodrigues Barbosa, que se fez acompanhar de sua ex.^{ma} esposa e dilectas filhinhas.

—A assentar praça, retiraram-se daqui para Lisboa, o sr. Armindo Rodrigues da Paula; e para Cavalaria em Aveiro, os srs. Manuel Ventura da Silva e Elpidio Rodrigues da Silva.

Visita. — No último domingo esteve cá de visita a sua família o nosso patricio sr. António Simões de Moura, considerado industrial de padaria no Porto.

Estada. — No seu luxuoso chalé ali do Cabeço, está com sua ex.^{ma} esposa a passar algum tempo, o nosso respeitável amigo sr. António Dias Pereira, benquista industrial de padaria em Alcobaca.

Doentes. — Muito enfermo, está retido no leito o nosso amigo sr. Manuel Rodrigues da Cunha.

—Retidos no leito, estão muito doentes o nosso conterrâneo sr. Manuel Ruivo e sua mulher.

—Muito mal, está de cama o sr. Manuel Arrojado.

—Com um «panarís» está bastante doente a viúva sr.^a Vitória Rodrigues Pardinha.

Aos doentes desejamos pronto restabelecimento.

Serões. — Na última semana abriram dois serões no nosso lugar, na quinta-feira o das «Beatas» e no sábado o das «Vieiras». Ambos tiveram componentes do «Grupo Musical Caciense» a abrihantar a diversão dançante que é hábito realzar-se.

Tem estado animados.

Anos. — No dia 28 do corrente celebra 21 aniversários o nosso amigo sr. Manuel Simões Dias Quintaneiro Júnior, empregado na padaria do seu tio em Lisboa.

—No dia 22, festejou 32 anos a sr.^a Emília Simões da Miranda Fonseca, esposa do sr. João Dias da Fonseca, barbeiro e alfaiate nesta localidade.

Mil felicitações. — C.

Notícias de Taboeira

Anos. — Colhe 21 primaveras no dia 25 do corrente, a galante menina Nécima de Oliveira Matos, filha do nosso patricio sr. José Lopes de Matos e de sua esposa sr.^a D. Maria Marques de Oliveira Matos, considerados industriais de padaria em Vila Franca de Xira.

—No dia 26 a menina Maria Rosa Nogueira da Silva completa 22 anos, irmã do assinante deste jornal sr. Malaquias Nogueira da Silva.

—No passado dia 24 completou 21 anos o sr. João Marques Calafate.

Visitas. — Visitaram suas famílias no passado domingo, os srs. José Marques Guimaraes, do Porto; de V. N. de Gaia, o sr. António Maria Rodrigues Migueis, e de Coimbra o sr. Manuel Nunes da Cruz, todos assinantes desta semana.

Estadas. — Encontra-se aqui há dias vindo de V. N. Gaia, o sr. José Maria Marques Ferreira.

—Também desde o passado sábado está aqui o sr. João Marques Calafate, que na Povoia do Varzim é militar.

—De Pêro Pinheiro o sr. Malaquias Marques da Silva.

Retiradas. — Para o Regimento de Artilharia Ligeira n.º 2 em Coimbra, ausentou-se o sr. Acácio Rodrigues Dias.

—Com destino à capital, ausentou-se daqui o sr. João Maria Fernandes, onde se foi empregar na panificação.

Baile. — Abrihantado pelos Incertos, de Mataduchos, realiza-se no próximo domingo dia 28, pelas 15 horas um importante baile dedicado à mocidade do nosso lugar. — C.

Notícias de Angeja

Falecimentos. — Victimado por uma congestão, faleceu no dia 22 do corrente o sr. João Fortunato dos Santos, de 81 anos de idade, marido da sr.^a Ermelinda Rosa de Jesus, pai dos srs: João Fortunato dos Santos Júnior, Augusto Fortunato dos Santos e António Fortunato dos Santos e das sr.^{as} Gracianda de Jesus Trindade e Palmira de Jesus Loureiro e sogro dos srs. Tenente Alberto Loureiro da Silva, António Nunes da Trindade e das sr.^{as} Maria Tavares dos Santos e Iria Ramalho dos Santos.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte com grande acompanhamento, tendo tomado parte no mesmo as irmandades locais e muito povo daqui e arredores.

De Lisboa vieram para esse fim seus filhos António e Gracianda e seus genros António Nunes da Trindade e Iria Ramalho dos Santos. Foram oferecidos 6 ramos de flores naturais com sentidas dedicatórias, ofertas de pessoas de família e amizade.

A chave do caixão era conduzida pelo sr. Joaquim Teixeira e as silvas pelos srs. Júlio Mourão Ribeiro e João Henrique de Castro. Durante o trajeto organizaram-se os seguintes turnos:

1º — António Nogueira da Silva, José Carlos Rodrigues, Manuel Valente e Carlos Gonçalves Carvalhais.

2º — Dr. Eduardo Souto, José Maria Martins dos Santos, Manuel Marques da Silva e Manuel Maria Teixeira.

3º — Manuel Nunes da Trindade, João Pereira de Mendonça, Augusto Valente e Manuel da Silva Maia.

4º — Por pessoas de família.

Os serviços funerários estiveram a cargo da antiga agência funerária do sr. Manuel Simões Dias.

A família enlutada enviamos sentidos pésames.

—No dia 22, faleceu também, com poucos dias de existência, o menino Raúl Manuel Dias Ferreira Capela, filho do sr. Raúl Dias Ferreira Capela e da sr.^a Rosa Nunes de Almeida Capela.

O funeral da inocente criança realizou-se no dia seguinte com grande concorrência, tomando parte as irmandades locais, as crianças das escolas, etc. Foram oferecidos muitos ramos de flores e entre estes duas lindas grinaldas, ofertas dos pais e dos avós maternos e paternos.

Sentidos pésames aos doridos.

—No dia 24 sucumbiu com a tenra idade de 2 anos o menino Fernando Augusto Martins de Matos, filho do sr. Emídio Matos, empregado de padaria em Lisboa, e de sua esposa sr.^a Ludovina Martins Matos.

Os restos mortais da inocente criança, foram a sepultar no dia seguinte no nosso cemitério.

Aos desolados pais enviamos condolências, aconselhando resignação.

Visitas. — Cumprimos há dias com sua esposa sr.^a D. Emília Rodrigues da Costa, o nosso amigo sr. Jorge Nunes Nogueira, 2.º marinheiro a bordo do contratorpedeiro «Daó», que cá vieram visitar família.

Estada. — Está cá até ao dia 26 em visita a sua família, o nosso amigo sr. João Tavares da Silva, empregado na padaria de seu irmão Manuel Maria, em Aljubarrota (Alcobaca).

Chuva. — Hoje, 26, chove lentamente, a atmosfera indica continuar. Temperatura quente.

Retirada. — Para Lisboa, retirou-se do Fontão o nosso amigo sr. Manuel Rodrigues de Sousa. Boa viagem. — C.

SAL

Vende o sr. José Magalhães qualquer quantidade por mais baixo preço, junto à fábrica da louça em Angeja.

HERPETOL

Para as doenças de pele



Uma gota de HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema, humido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

A venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Lda

Rua da Prata, 237 — LISBOA (70)

Moveis e Decorações

DA FÁBRICA **Alfredo F. da Costa & Filho**

Se V. Ex.ª ainda não visitou esta casa, faça-o, porque não perderá o seu tempo. Modelos originalíssimos, aos mais baixos preços. Vendas directas ao público.

R. Militão Barbedo, 701 — Marquez de Pombal PORTO (69) Telefone 2640

HERPECURA

para:

Infecções da barba, impingens e demais doenças da pele

Peça já este produto à

FARMACIA MODERNA

de:

(510)

Telefone 65 **José Pinto** AVEIRO

Construção de Padarias

MANUEL RODRIGUES NOGUEIRA

Construtor de fornos para Padarias

BORRALHA — ÁGUEDA

Encarrega-se da construção, em todos os sistemas, de fornos de padarias; fornecendo todas as ferragens, masseiras, tableiros e o restante para padarias.

Encarrega-se de tirar qualquer planta com prontidão e seriedade. Não temendo competidor. (419)

Máquinas de costura SINGER

e outras desde 200 a 1.500\$00 adiantadas



A casa que mais barato vende em todo o País. Grandes descontos aos srs. revendedores. (100)

Calçada de Santo André, 74 - LISBOA

Empresa Industrial de Tintas, Lda

Escritório e Fábrica R. da Cascalheira, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 669 — PORTUGAL

Agente no Norte do País **Guilherme M. Coelho**

RUA DA VITÓRIA, 56 — PORTO

Esta fábrica produz as melhores e as mais baratas tintas de impressão em cores e preto; massas para rolos e vernizes tipo-litográficos (163)



Alípio Monteiro

ALFAIATE

EXECUTA com perfeição todos os trabalhos da especialidade para militares e civis.

PREÇOS MÓDICOS

Rua dos Anjos, 56-1.º

(Por cima da Esquadra),

Telefone 46057

LISBOA

Oficina de Carpintaria de masseiras para Padarias e Construção de fornos

de **JOSE DIONISIO** (385)

BORRALHA — ÁGUEDA

Telefone público 47

Construtor de fornos dos melhores sistemas económicos e modernos. Encarrega-se da montagem de padarias completas. Modifica chaminés e fornos antigos para sistema moderno. Executa todos os trabalhos com perfeição e solidez, tanto a dia como de empreitada. Esta casa está devidamente legalizada com oficina de carpintaria e serralharia para executar todos os utensílios pertencentes a padarias, masseiras, tableiros, caixas de lotes e engenhos para massa espanhola. Fornece estes artigos em boa madeira seca e com poucos nós. Também fornece portas de ferro para fornos de qualquer sistema a preços sem competência e também faz fornos para cerâmica e grês.

Se quereis ficar bem servidos em economia e perfeição procurem sempre a antiga e acreditada casa de

JOSE DIONISIO — Borralha — ÁGUEDA

GRANDE SERRALHARIA

João Bolais Monica

S. Bernardo (Cruz Alta) AVEIRO

Nesta casa, executa-se todos os trabalhos de serralharia, tais como: moinhos de água, vento e gado, carros volantes, etc. etc. (211)

V A G O

VINHO FRANCO

(Vinho Nutritivo de Carne)

Poderoso restaurador das forças perdidas. Um cálice deste vinho representa um bom bife.

FARMÁCIA FRANCO FILHOS

Rua de Belém, 18 a 22 — LISBOA (261)

Agência Funerária Capela

de **AMERICO DIAS CAPELA** (183)

Esta agência trata de qualquer funeral desde o mais simples ao de maior pompa, em caixões ou urnas de mogno, em qualquer terra do País e por preços módicos, desde que para tal seja requisitada. Tem sempre em depósito para venda e aluguer todos os preparativos que dizem respeito aos mesmos.

Chamadas pelo telefone Público—ESGUEIRA

V A G O

VINHO DO PORTO

Rainha Santa

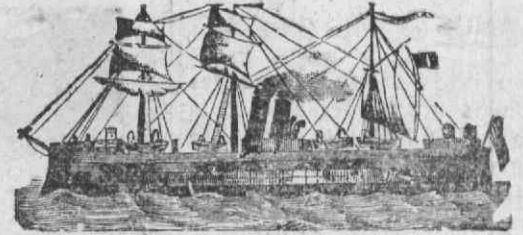
Registado sob o número 24.840 da antiga casa:

Rodrigues Pinho (423)

A venda em tôdas as partes. — GAIA — PORTO

AGENCIA COSTA

Passagens



Passaportes

PRAÇA - ESTARREJA

Esta acreditada Agência, vende passagens para Brazil, Argentina, América do Norte, França e África e trata de toda a documentação legal para estes portos. Responde-se a toda a correspondência. (457)

Levedura Nacional

SELECIONADA

A preferida pelos bons panificadores

A que garante mais rendimento e mais consistência às massas para PAO

A melhor para Panificação e Pastelaria

Séde da COMPANHIA INDUSTRIAL DE PORTUGAL E COLONIAS Rua Jardim do Tabaco, 74 LISBOA (11)

Produzir e Poupar

Não ignora, decerto V. Ex.ª que estas duas palavras encerram um tema da actualidade...

Barbearia Popular

Beco do Cascalho, 4—LISBOA

(Junto ao Arco da R. Marquez Alegrete) encontra V. Ex.ª o objectivo desse tema que é: — poupar e produzir economias!

Para isso tem e nota dos preços da nossa casa:

Cabelo e barba 2\$00

Só cabelo 1\$50 = Barba \$50

Fotografia Lisboa

Praça Francisco Barbosa — ESTARREJA

Nesta antiga fotografia executam-se com perfeição todos os trabalhos fotográficos. Quem precise de tirar retratos, fazer ampliações, esmaltes ou qualquer outro trabalho fotográfico, deve procurar esta acreditada casa.

Venda de máquinas fotográficas, e Cine Kodak para amadores. Venda de rolos, Films Pack e para a Cine-Kodak, Leica e todos os acessórios para fotografia e cinematografia.

Revendedor autorizado da Kodak e Agfa.



Bicicletas

Ultimos modelos

DESDE

Esc. 1.680\$00

ARMANDO CRESPO

R. do Crucifixo, 118-124 — LISBOA — Telet. 27072

Agência Funerária

António M. da Cunha

A casa que à mais de 50 anos se encontra ao serviço da nossa e outras terras, tendo sempre em depósito Urnas para jazigos e para a terra, caixões modestos e de luxo, armação para igreja, e casa, cordas novas e de aluguer, mantos e vestidos bem assim como todos os acessórios pertencentes à sua arte.

Chamadas telefónicas para o 2.º posto público.

(437) **Rua da República CACIA**

OURIVESARIA VIEIRA

Sucessor de Almeida & Alves

Rua José Estêvão, 1 — AVEIRO

Compra — Venda de ouro, prata, jóias e relógios. Oficina para reparação de ouro, prata, relógios, tudo da forma mais perfeita e rápida.

Secção de óptica

venda de óculos de tôdas as graduações e por receita médica.

A máxima correcção em tôdas as transações.

Oficina de Fogo de Artificio

de — **José Soares Calçada** (239)

Tarei de Souto—Vila da Feira

Nesta acreditada casa executam-se os mais artísticos fogos do ar, preso, aquático e tipo japonês, etc, etc.